

Rev. de Filosofia

VILÉM FLUSSER

1.00 Tendo o prof. Hegenberg fornecido o "esqueleto" do problema em discussão, cabe-me, conforme combinamos, ~~revestir~~ revesti-lo de "carne". Peço que os senhores mantenham em mente que a carne é fraca. Partirei da distinção entre duas camadas linguísticas proposta pelo prof Hegenberg, a saber a linguagem "observacional" e a camada dentro da qual teorias são articuladas. Gostaria de insistir, logo de início, no fato de ser essa distinção deliberada. Camadas de linguagem, relacionadas entre si por "regras de correspondência", isto é traduzíveis entre si, podem ser projetadas sobre a correnteza do discurso pela nossa mente contemplativa de incontáveis ângulos, e cada ângulo produzirá uma estrutura diferente. O discurso é soberanamente indiferente a essas nossas distinções, e flutua constantemente entre as camadas por nós projetadas. Esse flutuar constante do discurso, que emprega o mesmo termo ora num, ora em outro nível de linguagem por nós projetado, é a fonte de quase todos os problemas de filosofia. Emprega por exemplo o termo "Paris em aspas" e procede no seu curso como se tivesse falado em "Paris sem aspas". É esta uma das razões porque ultimamente se tem espalhada a convicção que filosofia não passa, no fundo, de crítica de língua, ou, como segunda alternativa, de mero ruído.

1.01 Aceito, para os fins da presente discussão, a primeira alternativa, desde que o termo "crítica da língua" seja tomado em sentido amplo, isto é como termo de uma linguagem colocada no topo da hierarquia de camadas, (e que não é, necessariamente a linguagem U da qual acabamos de ter uma ilustração tão fecunda). "Crítica da língua" não é necessariamente formal, pode ser, por exemplo, igualmente existencial, e isto é o propósito deste argumento. Falarei portanto em linguagem que será meta-linguagem da linguagem que o prof. Hegenberg tem utilizado. A minha primeira preocupação será com a linguagem "observacional" da qual parte o argumento que me precedeu.

1.10 A linguagem observacional, como toda língua do tipo em uso no Ocidente, predica sujeitos. Ou, como diz o prof. Hegenberg, forma sentenças com substantivos. Há dois tipos de substantivos, a saber nomes próprios e nomes gerais, "particulares" e "universais" para falarmos escolasticamente. Os nomes gerais são classes de nomes próprios, por exemplo o nome "mesa" é a classe de nomes como "esta mesa". Falando estritamente, consiste a linguagem observacional apenas de frases que predicam nomes próprios, e frases que contem nomes gerais já pertencem, a rigor, àquela camada na qual teorias se articulam. Em tese teria um discurso estritamente observacional a seguinte forma "isto aqui agora é, e isto aqui agora é, e isto aqui agora é ...". Concordarão os senhores comigo que não se trata de um discurso excepcionalmente estimulante. Mas é o discurso que articula a vivência imediata, da qual Mefisto diz que é "verde a árvore dourada da vida" para contrasta-la como "o cinzento da teoria". A camada linguística na qual teorias se articulam surge como fuga e como libertação do tédio e da absurdidade do discurso observacional puro.

1.11 O discurso observacional é a articulação da vivência imediata de acordo com regras impostas pelas línguas das quais as nossas mentes participem. No caso das línguas flexionais, aquelas das quais nós participamos, essas regras impõem a estrutura "sujeito predicado", a saber "isto aqui agora" e "é". A articulação em línguas flexionais produz uma estrutura que é chamada de "Sachverhalt" (relação entre coisas). A vivência imediata, ao ser articulada, realiza-se para a nossa mente. "We realize the immediate experience" como diz a língua inglesa. A realidade tem para nós, mentes informadas pelas línguas flexionais, a estrutura de relação entre coisas. Línguas isolantes e aglutinantes produzem outra estrutura da realidade. A linguagem na qual teorias se articulam é uma linguagem flexional, e tem a estrutura de relação entre coisas. Teorias são articuláveis apenas por mentes informadas por esse tipo de línguas. Não existem teorias autóctonas no Oriente. O bios theoretikos de Aristóteles é um clima existencial exclusivo do Ocidente.

2.00 O termo "teoria" vem do verbo "thorein", isto é "contemplar", "olhar sem interesse imediato". A mente empenhada em discurso teórico é uma mente distanciada um ou mais passos da observação, e portanto da vivência imediata. Está em situação irônica, e com essa ironia superou o tédio e o absurdo da vivência imediata. A passagem do discurso observacional para o teórico

VILÉM FLUSSER

(cujo aspecto formal o prof. Hegenberg discutiu), é a passagem do clima do tédio para o clima da ironia. Em que reside o tédio do discurso observacional? Camus, no "Mito de Sísifo", elabora esse clima.

2.01 Predicar nomes próprios é a tentativa de exaurir lhes o significado. O significado do nome próprio é a vivência imediata. A vivência imediata é inexaurível. A não ser em idem per idem. Por exemplo "isto aqui agora está aqui agora". A mente empenhada na predicação de nomes próprios está exatamente na situação que o mito de Sísifo formula. Restam-lhe, com efeito, apenas tres escolhas: pode predicar sempre mais e mais, sabendo da absurdidade dessa tentativa. Esse predicar "quando e como", esse "viver o mais possível" é o que Camus advoga. Ou pode calar-se. Esse silêncio pode assumir a forma da queda vertical na fé, da "chute" camusiana, exemplificada por S. Tomás, ou pode assumir a forma desesperada do silêncio wittgensteiniano. Ou pode desviar-se para outras camadas linguísticas para articular, por exemplo, teorias.

2.02 O prof. Hegenberg demonstrou como as teorias "intendem", em última análise, as observações, e como podem ser traduzidas para elas. Deste ponto de vista puramente formal não passam as teorias de rodeios para obviar o curso do discurso. Partem do discurso observacional e desembocam nele. As teorias são uma espécie de taquigrafia rigorosa do discurso observacional que tem a função de condensar esse discurso para tornar óbvia a sua estrutura. Nesse tornar óbvio reside a sua virtude explicativa. As teorias explicam as observações, porque tornam óbvia a sua estrutura. Mas para se tornarem vivencialmente sobrevivíveis, precisam ser interpretadas. Isto é precisam ser re traduzidas para o discurso observacional do qual se tinham originado. São portanto, de um ponto de vista puramente formal, apenas fugas do tédio existencial da vivência imediata. Mas o prof. Hegenberg mostrou muito bem, no final do seu argumento, que a justificativa das teorias reside em outro aspecto. Disse que as teorias são aceitáveis por sua simplicidade, por sua "estética", pela satisfação intelectual que proporcionam. São estes os aspectos que pretendi reunir sob o termo "ironia".

2.03 O discurso teórico predica classes e classes de classes. O termo "teoria" admite portanto graduação, e podemos fazer até, o que estamos fazendo agora, "teorias de teorias". Quanto mais ampla a classe, quanto maior o seu escopo, tanto menor o seu conteúdo, tanto menor o seu significado. Predicar classes não é portanto empreza desesperada. Classes podem ser exauridas, isto é definidas. O discurso teórico pode exaurir termo após termo, pode progredir sistematicamente. O discurso teórico é progressivo, enquanto o discurso observacional é repetitivo. O progresso do discurso proporciona à mente a vivência da aventura. O discurso teórico é um discurso aventuroso. É verdade que desemboca, no seu final, no discurso observacional, e neste sentido é inocua toda teoria. Mas enquanto dura, proporciona aventura. A teoria é um jogo. Satisfaz a sensação lúdica da mente. Não tem a seriedade animal da vivência imediata, é uma atividade prazerosa. É, com efeito, uma atividade muito semelhante à da arte. Schiller diz: "Ernst ist das Leben, heiter ist die Kunst" (a vida é séria, e prazerosa a arte). A atividade teórica é uma forma de atividade criadora, uma atividade criadora no clima da ironia.

2.10 Disse que a teoria é uma atividade criadora. Ela faz muito mais que pôr a nu as estruturas implícitas nas observações da vivência imediata. Ela informa a vivência imediata. O prof Hegenberg salientou como todas linguagens crescem e se desenvolvem, como criam novos termos e novas regras. Chamarei de "poética" essa força expansiva da língua. Os discursos teóricos possuem essa força poética em grau marcado. Criam novos termos e novas regras, e lançam essas novas conquistas sobre o discurso da observação para reformulá-lo. Observem, por exemplo, como aquilo que chamamos de "nossa realidade física" se modificou graças as teorias que lhe dizem respeito. É neste sentido que as teorias são operantes. Permitam uma pequena transgressão neste ponto do argumento.

2.11 A nossa linguagem observacional tem a estrutura de relação entre coisas. Disse que essa estrutura é consequência das línguas chamadas "naturais" que informam a nossa mente. Mas o que são afinal essas línguas? Não são naturais no sentido como o é por exemplo uma pedra. São, com efeito, teorias ontológicas petrificadas e de autores desconhecidos. As teorias são as fornecedoras da estrutura daquilo que chamamos, em nossa ingenuidade, de "realidade".

3.00 Recho a parentese para voltar ao argumento. As teorias, embora formalmente apenas rodeios do discurso observacional, são, existencialmente, uma atividade.

VILÉM FLUSSER

dade lúdica que cria as estruturas da "realidade". Existem outras atividades paralelas, por exemplo aquelas que chamamos de "artes criadoras". As artes são, com efeito, outras tantas camadas de linguagem. Informam, pela sua força poética, a linguagem observacional com suas estruturas.

3.01 Os critérios de aceitabilidade das teorias, que o prof. Hegenberg propõe, são critérios estéticos, por exemplo simplicidade. Enquadrou portanto a atividade teórica entre as atividades artísticas "sensu lato". E a vivência da teoria dá-lhe razão completa. Há, em toda teoria, um momento de intuição, (e emprego esse termo num sentido ligeiramente diferente do empregado pelo prof. Hegenberg, para salientar o paralelo entre teoria e arte). E há, em seguida, o momento de elaboração disciplinada da intuição de acordo com regras que são estéticas em sua base.

3.02 Relutamos em aceitar a atividade teórica como atividade artística, porque somos prisioneiros de um conceito de "realidade" antiquado. Aceitamos a realidade como um "dado" e dizemos que as teorias "intendem" essa realidade, enquanto que as artes se movem em região ontológica diferente. Mas uma crítica da língua provará, disto estou convencido, que aquilo que passa por "realidade" é algo que consiste da mesma substância como as obras da arte, a saber de língua. Se portanto definirmos as ciências no seu aspecto epistemológico como disciplinas criadoras de teorias, devemos concluir que as ciências são disciplinas semelhantes às artes. E digo mais, são atividades do "l'art pour l'art" porque a sua meta não é proporcionar conhecimento, mas proporcionar beleza.

4.00 A filosofia foi definida, no início deste argumento, como crítica da língua. É, com efeito, a crítica de todas as linguagens e de todos os pontos de vista. Critica a linguagem da ciência, das artes, das religiões e das demais disciplinas normativas. Nessa crítica formula teorias sobre as teorias propostas nessas disciplinas. A filosofia é uma meta-linguagem de todas as linguagens. O clima vivencial da filosofia é o clima da teoria concentrado. O bios theoreticos em seu estado mais puro é o clima existencial da filosofia. É o clima da atividade irônica e lúdica, mas criadora. É o clima da aventura. Na filosofia escapamos ao tédio absurdo da vivência imediata. A filosofia nos eleva, por ser teórica, do nojo do cotidiano. Estou fazendo, e sei disto, a apologia da torre de marfim, mas faço o consciente do aspecto criador dessa torre. É a partir da visão distanciada que a torre proporciona que se lançam os projetos teóricos sobre a massa informe e cinzenta da vivência bruta. Criando novos termos e criando novas regras, enfim criando língua, torna a filosofia, essa teoria par excellence, vivível a vida. E encerro este argumento com uma inversão da frase mefistofélica no Fausto de Goethe, com a qual a tinha iniciado "GRUEN, teurer Freund, ist alle Theorie, und grau des Lebens pseudo-goldner Baum" (verde, caro amigo, é toda teoria, e cinzenta a árvore pseudo-dorada da vida".